

## Os Dezenove

Sergio Milliet

Uma exposição de novíssimos constitui por certo acontecimento raro, somente verificável de 20 em 20 anos, isto é, ao desabrochar uma nova geração. Essa que agora expõe na Galeria Prestes Maia, sob o patrocínio da União Cultural Brasil-Estados Unidos, chega com algum atraso, 25 anos após a Semana de Arte Moderna. Não se apresenta entretanto tão revolucionária quanto aquela, nem no sentido da libertação nem do de uma reação consciente contra os desmandos dos "pioneiros históricos". De um modo geral os "dezenovíssimos" muito pacatamente seguem as pegadas dos mais velhos e não nos trazem novidades pequenas ou grandes. Exibem-se mais como uma geração de epígonos que de líderes. Visivelmente acontece com eles, em pequena escala, o que ocorre na França com os novos. Chegando imediatamente após a floração de um grupo de artistas muito pessoais e ainda na plena força da produção, acham-se bloqueados na sua expressão e, á sombra de seus predecessores, sentem dificuldade em desenvolver-se.

O que menos falta a esses jovens, quase todos de menos de trinta anos, é talento. O de que mais carecem é personalidade. Para não falar na técnica, também bastante pobre, insuficiente pelo menos para contrabalançar a ausência de imaginação e o medo d. poesia.

Aldemir Martins, muito moço ainda e que nos chegou há pouco do Nordeste, mostra-nos uma produção

indecisa na fatura, em certos pormenores influenciada por Candido Portinari, mas reveladora de uma indiscutível inquietação, de uma simpática insatisfação. Bastante seguro e expressivo no desenho, embora abusando de uma simplificação fácil, ao tentar o óleo como que se perde na côr e, para esconder suas insuficiências, lança mão de um grafismo primário. Não há negar nesse jovem um certo gosto pela composição, nunca muito original mas nunca fraca tão pouco. Sua maior fraqueza reside na pobreza do colorido e na falta de invenção tonal. Jogando embora com complementos, choca-nos pela crueza chapada da tintagem e pelas soluções acanhadas de seus claros-escuros. Sem noção precisa do equilíbrio dos quentes e frios, nem das passagens e valores, duvidamos amiúde a impressão de perder-se na planificação. Salva-o por enquanto a vontade do assunto, a coragem mesmo de impô-lo dentro de um espírito de tragicidade que nada tem de teatral, apesar de seu exotismo, ou melhor de seu regionalismo acurado. É uma promessa por certo e não podemos perder de vista os seus esforços no futuro.

Marx, que expõe a seu lado, degladia-se entre a pressão do ambiente modernizante e a sua tendencia acadêmica para os efeitos atraentes. Lembra pelo colorido o honesto pintor Cesar Lacanua, com menor riqueza de matizes, principalmente nos últimos planos, mas tem a seu favor o senso do movimento expressivo. Cabe-lhe esforçar-se agora por acabar com os "dês de peito", as luzes violentas e falsas, as pinceladas vivas jogadas sobre a tela com um virtuosismo precoce e irritante. Uma certa satisfação perigosa pode perturbar-lhe a carreira, tanto mais quanto terá desde já, sem duvida, uma aceitação demasiado agradável a um estreante.